

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

EUCLIDES DA CUNHA: A BUSCA PELA REABILITAÇÃO DA AMAZÔNIA ATRAVÉS DE UMA NOVA REPRESENTAÇÃO PARA A REGIÃO

Carlos Eugenio Renha

Doutorando pela Fundação Getúlio Vargas

Email: crenha@hotmail.com

O que leva Euclides da Cunha até a Amazônia é a disputa com o Peru pelas terras na fronteira com o Acre. A serviço do Itamaraty, ele foi escolhido pelo Barão do Rio Branco como chefe da expedição para a demarcação da fronteira. Euclides se interessava bastante pelo tema e já havia escrito alguns artigos na imprensa sobre as tensões nos limites do extremo norte do país. (Conflito inevitável, Contra os caucheiros e Entre o Madeira e o Javari)

A viagem de Euclides para a Amazônia acontece no fim de dezembro de 1904 e dura até janeiro de 1906. A essa altura, o escritor já era um dos grandes nomes da literatura nacional, bastante conhecido e respeitado: já havia sido eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 21 de setembro de 1903 e, dois meses depois, também foi aceito como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no dia 20 de novembro de 1903.

De forma sucinta, em *À Margem da História*, Euclides almeja reabilitar a região amazônica, construindo uma nova relação entre o clima e o homem, denunciando a exploração da sociedade dos seringais e pedindo que o governo federal volte sua atenção para resolver os grandes problemas locais. Seus ensaios foram considerados os responsáveis por revelar a verdadeira face da Amazônia. Eles trazem visibilidade à realidade da região e têm por objetivo a realização de um desejo: redefinir a sua representação,¹ sustentando através da ciência uma

¹ Meu intuito é seguir a definição baseada no reconhecimento de que as representações são produzidas pelo social em cima de uma realidade concreta e definida. No entanto, é preciso ressaltar que as representações também têm o poder de produzir uma dada interpretação a respeito dessa realidade.

Roger Chartier, (que traz o conceito da sociologia, baseado principalmente nas obras de Pierre Bourdieu, e utiliza-se na história cultural) afirma que as “representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”. Esse poder de convencimento se dá porque, para representar algo, é necessário que os atores históricos atuem para construir as identidades e vínculos sociais que pretendem apresentar. (CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. pp. 23 e 24).

Sandra Pesavento considera a ordem simbólica construída pela sociedade como “um sistema de ideias-imagens que dá significado à realidade, participando de sua existência.” Portanto, o real é formado por concretude e representação ao mesmo tempo. (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História. São Paulo. vol.15, n. 29, pp.9-27,1995. p. 16).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

análise que se pretendia desmistificadora a respeito da natureza, do clima e das condições de vida na Amazônia.

É importante ressaltar que o discurso contido em *À Margem da História*, principalmente a defesa da habitabilidade da região, vai amplamente ao encontro do que as elites amazônicas já defendiam e divulgavam há décadas, com o intuito de demonstrar que a região era completamente apta a receber investimentos e imigrantes dispostos a construir uma vida bem sucedida nas duas prósperas capitais do norte do país.

Apesar de todos os elogios e da importância atribuída a eles, os ensaios amazônicos de Euclides, assim como *Os Sertões*, contém erros científicos, contradições e preconceitos. O historiador amazonense Arthur Reis deixa claro que a relevância de *À margem da História* não está nos seus apontamentos científicos, mas na interpretação que o autor faz da paisagem, do homem, da relação entre ambos e dos problemas que essa interconexão suscita (ROCHA, 2000, p. 57). Em muitos aspectos Euclides não chega a ser original e não escapa de enxergar a região com os mesmos olhos dos viajantes europeus que a exploraram antes dele. De acordo com Leandro Tocantins, existia uma quase completa falta de interesse científico do resto do país a respeito dos problemas do norte. O grande destaque ainda eram os escritos dos cronistas coloniais e uma literatura científica ou paracientífica feita preponderantemente por estrangeiros (1978, p. 180)

A oposição entre cidade e campo, litoral e interior

Nas primeiras décadas do século XX existe um amplo debate sobre o antagonismo das duas sociedades brasileiras, afastadas e fora de sintonia: a litorânea, apontada como o exemplo civilizacional a ser seguido, e a do interior, identificada como o atrasado sertão.

Os intelectuais assumem a responsabilidade de verificar as causas dos problemas nacionais e encontrar soluções para superá-los. Toda a discussão política, científica, social, volta-se então para o entendimento do funcionamento do Brasil. Inserido nesse cenário, Euclides busca a verdadeira brasilidade no interior do país, orientado por uma perspectiva positivista e evolucionista da ciência.

O entendimento dominante sobre a realidade amazônica era a de que a abundância do elemento natural corrompia o homem. O comportamento involuído do nativo também afetava

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seus descendentes e era capaz de afetar até mesmo os brancos, homens civilizados que estavam sujeitos a regredir em seus hábitos ante a constante preponderância do meio natural. Ainda durante a Primeira República, as teses deterministas passam a ser questionadas e o ambiente natural começa a ser visto como apenas um dificultador das ações políticas. (inicia-se uma lenta transição entre o determinismo geográfico e a noção de estrutura geográfica) ² A Amazônia, encarada como um dos sertões do Brasil, era sinônimo de ausência de civilização. Os dois principais pilares dessa concepção, a barbárie e o predomínio da natureza, tinham um ponto em comum: a ausência ou atuação reduzida do elemento branco. No entanto, quando encarado positivamente, o sertão era compreendido como germe de uma consciência nacional autêntica, berço da verdadeira brasilidade. Nesse caso, fazia-se uma inversão de valores que colocava as cidades desenvolvidas do litoral do país como simples imitadoras de características totalmente desvinculadas da cultura brasileira (LIMA, 1999, p. 62).

A região também era identificada como deserto amazônico. O termo deserto está relacionado diretamente à falta de habitantes de uma dada região, mas não qualquer habitante. Existiam milhares de indígenas espalhados por toda a Amazônia que simplesmente não eram considerados como capazes de pertencer à nação, então, na prática, era como se não existissem. Mais do que a falta de povoamento, a noção de deserto está relacionada à ausência de “homens civilizados” (PEREIRA, 2016, p. 104).

À Margem da História

A obra inacabada de Euclides tem um estilo que mistura análises geográficas e geológicas, relatos testemunhais, literatura e ensaios antropológicos e sociológicos. O livro foi editado postumamente em 1909 e é composto por quatro partes. A primeira, *Terra sem história*, apresenta sete capítulos. Aqui trabalharei com cinco capítulos dessa primeira parte,

² O determinismo geográfico, baseado nas ideias de Friedrich Ratzel, coloca o homem como produto do meio natural, totalmente submisso a este. Para essa visão, as condições naturais restringem completamente as capacidades das sociedades ainda não desenvolvidas, que são consideradas primitivas e sem vigor, com uma história limitada. Há uma espécie de causalidade fatal entre natureza e homem.

A estrutura geográfica é um conjunto, uma arquitetura, de longa duração e estável que impõe limites às experiências humanas. É ao mesmo tempo sustentáculo e obstáculo. (BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. XXX, n. 62, pp. 261-294, abr-jun. 1965. p. 268).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

precisamente *Impressões gerais; Rios em abandono; Um clima caluniado; Judas-Asvero e Transacriana*.

Impressões Gerais

No primeiro ensaio, Euclides faz uma análise de seus primeiros contatos com a natureza amazônica e depois passa a demonstrar como a vida do seringueiro era dura, ressaltando a exploração a que o trabalhador do látex era submetido.

O autor empreende a concepção de que a Amazônia, como um todo, está parada no tempo, perdida em algum momento de um passado remoto. A floresta havia ficado para trás na escala evolutiva da Terra, com uma natureza portentosa, porém incompleta, onde ao mesmo tempo havia de tudo e faltava tudo, consequência de ser a “terra mais nova do mundo” (ROCHA, 2000, p. 117).

Em seguida, passa a se concentrar no que ele define como a função destruidora do rio Amazonas. “Neste ponto, o rio, que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra” (op. cit., p. 120).

A próxima questão abordada no ensaio é a vida do seringueiro sob o regime do aviamento. O autor afirma que a busca pelo látex levou os trabalhadores dos seringais à “mais criminosa organização do trabalho que ainda engendrou o mais desacomodado egoísmo”. E que “o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (op. cit., p. 127).

Euclides termina o ensaio pedindo urgentes medidas do governo brasileiro para salvar essa “sociedade obscura e abandonada”. Em sua opinião era necessária uma lei para dignificar o trabalho, justiça para combater os desmandos e a criação de uma forma de garantir o acesso dos seringueiros à terra (op. cit., p. 130).

Rios em abandono

Euclides faz um apelo por uma intervenção decisiva do governo central a fim de garantir ao rio Purus um programa de melhoramentos. Esse esforço deveria ser constante, passado de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

governo a governo, e representaria um “compromisso de honra com o futuro”. Em sua visão, o Purus era um enjeitado que precisava ser incorporado definitivamente ao país e somente o governo federal teria condições de atuar para atingir tal objetivo (op. cit., p. 144).

Um clima caluniado

Em *Um clima caluniado*, a preocupação do autor consiste em desfazer a ideia de que não é possível construir uma sociedade avançada na região amazônica. Para isso, usa como exemplo o povoamento do Acre.

A proclamada insalubridade do clima não procedia. O que se sucedia no Acre, e na Amazônia como um todo, era uma “revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito da existência aos que se lhe afeiçoam”. Esse processo, no entanto, não era uma exclusividade amazônica, estava presente em qualquer tentativa de colonização de uma localidade nova. De acordo com Euclides, a natureza sempre cobra o seu preço, mas em alguns lugares esse preço é mais difícil de ser pago. “Salvam-se os que melhor balanceiam os fatores do clima e os atributos pessoais” (op. cit., p. 151). Cunha afirma que o fenômeno de aclimação acontece através de um processo seletivo que é inevitável e necessário. Esse processo se dá tanto do ponto de vista físico quanto moral. “E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem”. (op. cit., p. 152).

A conclusão do autor sobre a questão do clima amazônico é a de que ele eliminou os que não foram capazes de resistir e, por isso, optaram pela fuga ou acabaram morrendo. A natureza fez o trabalho de policial, sanear e moralizar, tornando-se um clima admirável apenas “para os fortes, para os perseverantes e para os bons” (op. cit., p. 157).

Depois, Cunha critica novamente as condições a que eram submetidos os trabalhadores da borracha. Sua censura volta-se para o governo central que, através de incentivos e programas oficiais, bancava a vinda de colonos estrangeiros para as fazendas de café de São Paulo, enquanto o sertanejo efetuava viagem e se estabelecia na nova região completamente desamparado.

Judas-Asvero

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Este texto é o testemunho de Euclides sobre a malhação do Judas no Sábado de Aleluia, durante a Páscoa. Com o título de seu ensaio, Euclides evoca o mito do judeu errante, Asvero, que teria zombado de Cristo enquanto este carregava sua cruz. O autor faz um paralelo entre a maldição dada por Jesus ao judeu (caminhar para sempre sem rumo) e o boneco do Judas (representação do próprio seringueiro). Esse é o ensaio mais romanceado, o que fica mais perto da literatura. Seu ponto principal é uma análise psicológica sobre o inconsciente do seringueiro, suas frustrações, arrependimentos e resiliência.

A Transacriana

Neste segmento, o autor de *Os Sertões* tem uma única preocupação: a integração do Acre com o resto do país. Para isso sugere a construção de uma grande ferrovia e pede ação urgente do governo federal para o serviço. A estrada de ferro alcançaria, de um lado, o Amazonas, pelo Javari, e de outro o rio Madeira, pelo Abunã. Os esforços deveriam ser feitos para pôr em prática o planejamento de distribuição populacional pelo território brasileiro, por isso a ferrovia seria complementar aos rios, cortando-os e não acompanhando os seus caminhos. Sua função seria a de servir como chamariz para o deslocamento populacional e, a partir disso, criar um tráfego que passaria a ser permanente.

Inferno verde

No prefácio do livro de contos amazônicos *Inferno Verde*, de seu amigo Alberto Rangel, Euclides da Cunha voltou a escrever a respeito de suas impressões sobre a vida na floresta amazônica. O texto contém os mesmos elementos dos ensaios que fariam parte de seu próprio livro.

Os indígenas e como Euclides reproduziu os preconceitos existentes – (comparação entre o sertão de Canudos e o sertão da Amazônia)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Euclides da Cunha sequer cita os indígenas nas páginas de *À Margem da História*. Ele está inserido na conjuntura que nega ao nativo qualquer força útil para o progresso da nação. É importante ressaltar que a sua visão positiva sobre o sertão, conferindo-lhe o atributo de nacionalidade autêntica, não engloba o indígena amazônico. A autora Neide Gondim resalta que “o povo que está à margem da história não é o nativo [...], mas o nordestino” (1994, p. 225).

Na concepção de Euclides, se o sertanejo nordestino se localiza às margens da história, ou seja, na periferia, o indígena está completamente fora dela. No entanto, o nordestino está nessa situação apesar de ser impetuoso e forte, pois consegue escapar às vicissitudes do ambiente desfavorável e do abandono governamental, sendo fundamental para consolidar o povoamento de todo o norte e nordeste do país. Por enfrentar tantas adversidades deveria desaparecer, mas segue contrariando o seu destino. Já o índio está em seu “lugar natural” e como raça inferior faz exatamente o caminho inverso. Por pertencer ao primeiro estágio da evolução humana (etapa teológica dentro da doutrina positivista) e por isso ser uma criatura limitada, o indígena, quando alcançado pelo progresso, não consegue manter intacta sua vida em meio à natureza e nem fazer parte da nova civilização que se impôs a ele. Consequentemente, seu número vai diminuindo cada vez mais e seu espaço de dominação vai recuando para os confins do território nacional.

Se em Canudos, o meio forjou seres humanos fortes, preparados e vigorosos através da fome, da miséria, da adversidade e do infortúnio, na Amazônia a abundância de animais terrestres, peixes, frutas, além da farta quantidade de madeira e plantas fibrosas teve o efeito oposto. O nativo permaneceu leniente, indolente, preguiçoso, sem ambição, podendo facilmente saciar os seus instintos mais básicos. O homem do sertão nordestino criou raízes, se fixou, construiu com o pouco que tinha. O nativo amazônico era errante e dependente, não produzia e sim exauria os recursos naturais disponíveis.

Na Amazônia como um todo havia uma quantidade pequena de brancos em comparação com o total de indígenas “selvagens” e descendentes caboclos, o que tornava o meio social heterogêneo e desequilibrado. Assim, predominava o elemento indígena e sua cultura, atrasada e rudimentar. Já em Canudos o nativo foi agraciado com a mescla com o sangue branco do bandeirante, mais evoluído, mas, tão ou mais importante que isso, a combinação resultante teve tempo de ser absorvida, amadurecer e se espalhar de forma a dominar a comunidade, sem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

interferências externas. O mesmo não ocorreu na Amazônia, os mestiços, mesmo considerados mais inteligentes que o índio puro, estavam situados em um meio social que não era dominado por eles. Incapazes de fazer parte das elites comercial e política, marginalizados, acabaram por degradar-se. Na visão de Euclides, esse fato revelava a prova de sua incompetência mental, física e orgânica em se adaptar a um mundo mais complexo.

No fim das contas, o destino do indígena estaria selado. Em algum momento no futuro, o avanço da marcha irrefreável do progresso o forçaria a um desses dois caminhos: ser civilizado, ou seja, ser incorporado e submetido por uma sociedade biológica, intelectual e culturalmente mais adiantada e avançada, tendo as características de sua raça diluídas com o tempo ou, resistindo, minguar até desaparecer.

Conclusão – As contradições euclidianas

Os textos amazônicos de Euclides mostram um intelectual arguto e, por outro lado, um grande sintetizador do pensamento social, cultural e científico de sua época. Tentando reestruturar o imaginário sobre a Amazônia, o que Euclides consegue, na realidade, é uma semirreabilitação da região e de seu clima, dividido entre o determinismo natural e a sua relativização, e negando ao indígena qualquer papel construtivo para o desenvolvimento amazônico.

Como Euclides é contraditório em sua própria argumentação, a maneira encontrada para dizer que o clima era caluniado foi colocá-lo como um ator severo que selecionava aqueles que se esforçavam para se encaixar em seu cenário. O clima era uma entidade que privilegiava os fortes. Os fracos eram eliminados ou fugiam, e então mentiam sobre as condições encontradas. Entretanto, esse aspecto de severidade não fazia da natureza amazônica um ente mau que trabalhava incansavelmente para a ruína humana (não é o clima que é mau; é o homem – citação que pode ser entendida como crítica ao caluniador; à falta de ação política em prol da sociedade amazônica e ao indígena que, por possuir uma moral fraca, se acomodou com a natureza dadivosa). Podemos perceber que com essa articulação de ideias, o autor está alterando a própria interpretação registrada em *Os Sertões* e negando às condições climáticas o encargo de principal fator negativo para a depressão da saúde do homem na Amazônia (papel no qual os sanitaristas de Manguinhos serão protagonistas na década seguinte). Apesar de intencionar vingar o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conjunto de elementos naturais amazônicos, muitos adjetivos encontrados nas análises do autor sobre a região são abertamente negativos. Mesmo quando há menções elogiosas, estas muitas vezes carregam um significado que pode ser lido de forma dúbia, pois ressaltam o poder opressivo da natureza, reforçando a ideia de que é preciso se moldar a ela.

Por outro lado, é nítido o realce dado pelo autor ao abandono social do homem e ao descaso político que o governo federal oferecia à região. Esses dois fatores, e não o clima e seus efeitos, são tratados então como os maiores flagelos do sertão amazônico. É sabido que o cenário natural, através da influência decisiva sobre o comportamento humano, é um dos pilares explicativos da teoria de Euclides sobre a força do sertanejo, e por este motivo é intrigante observar a sua tentativa de chegar a uma síntese, entre manter os determinismos naturais e biológicos e ao mesmo tempo atenuá-los, colocando a ausência do Estado brasileiro como o real antagonista do sucesso social da região.

Voltando-se para o mundo político, Euclides pede que a Amazônia se torne uma questão de Estado, que deveria manter investimentos constantes para o desenvolvimento regional. A impressão era a de que o governo brasileiro não se interessava pelo destino dos amazônidas, que estavam esquecidos pela nação. O Brasil deveria agir para garantir o florescimento de uma sociedade renovada na Amazônia. Se o clima era caluniado, se o seringueiro vivia a pior das vidas, se a floresta dominante precisava ser vencida, se o interior da Amazônia precisava ser ocupado, se faltavam comunicação e transportes, tudo isso só seria solucionado por ações decisivas do governo central. Era um dever da República brasileira responder às questões levantadas por intelectuais como ele, que estavam formulando o pensamento social brasileiro e lutando para que o país se tornasse de fato uma nação.

É interessante notar que apesar do respeito, da força de seu capital simbólico, reforçado pela morte trágica, e do tom reivindicatório, o discurso amazônico de Euclides seguiu dois caminhos diferentes. Se imediatamente repercutiu entre intelectuais, escritores, cientistas e políticos, tampouco teve impacto para estimular a concretização de ações a favor da região. Se proporcionou ao país a chance de abrir os olhos para o que acontecia no extremo norte, não conseguiu que os representantes “do outro Brasil” se convencessem a investir dinheiro público na região. Sua denúncia contra a exploração do seringueiro é amplamente ouvida, mas não é capaz de mudar as condições de vida desse trabalhador. Falhou, a curto prazo, em seu intento de causar uma transformação na forma de o Brasil se relacionar com a Amazônia. Sua tentativa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de reparar o imaginário sobre a região não atingiu o impacto necessário exatamente na esfera fundamental para resolver as questões suscitadas por seu discurso: a política.

Bibliografia:

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. XXX, n. 62, pp. 261-294, abr-jun. 1965.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

GOMES, Ângela de Castro. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, Alda, VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. (orgs.). **Ciência, Civilização e República nos Trópicos: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. **A Vingança da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

LIMA, Nísia Trindade. Euclides da Cunha: o Brasil como sertão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAES, Péricles. **Os Intérpretes da Amazônia**. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. **Ensaio de Amazônia**: representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro. Niterói: Eduff, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História. São Paulo. vol.15, n. 29, pp.9-27,1995.

REIS, Arthur César Ferreira. Euclides e o paraíso perdido. In: ROCHA, Hildon (coord.). **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROCHA, Hildon (coord.). **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos).

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ZILLY, Berthold. **Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha**. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 7, n. 1, 12, abr. a set. 1999: pp.5-45